

CAPÍTULO 3

Metodologia de aquisição e caracterização dos dados arqueológicos

■ THIERRY AUBRY ■ JORGE DAVIDE SAMPAIO ■ LUÍS LUÍS

ABSTRACT This chapter exposes the geomorphological approach which informed both survey work and, the selection of sites for testing and excavation. A short history of the archaeological work carried out at each site is given, the research questions addressed by the different excavation projects that were undertaken are discussed, and the recognized stratigraphical and archaeological units are defined.

Os resultados que apresentamos, obtidos no âmbito do Projecto “Contexto Arqueológico da Arte paleolítica do Vale do Côa” (CAAPVC), consistem no desenvolvimento de temas definidos na problemática subjacente às intervenções efectuadas entre 1996 e 1997, trabalhos estes dirigidos por A. Faustino de Carvalho e por um dos signatários, integrados no projecto intitulado: “Povoamento Pré-Histórico no Baixo Côa”. Durante esta primeira fase de trabalhos, cujo objectivo principal passou pela determinação da correlação entre as fases de ocupação humana e a sequência artística, considerou-se, em primeiro lugar, a necessidade de estabelecer a sequência crono-estratigráfica da ocupação durante a Pré-História no Baixo Côa, então completamente desconhecida no caso do Paleolítico Superior, e em menor escala tentar obter dados necessários para o conhecimento dos sistemas de povoamento e de exploração do território.

Os primeiros resultados obtidos foram apresentados em diversas publicações (Zilhão & al., 1997; Aubry & al., 1997; Aubry, 1998; Carvalho, 1998). Alguns dos pontos que não foram satisfatórios, orientaram uma segunda fase de trabalhos, designada por Plano de Investigação Arqueológica do Parque Arqueológico do Vale do Côa (Pinto, 1999). As prospecções, escavações e estudo dos vestígios da ocupação humana da região ao longo dos períodos Neolítico, Calcolítico e da Idade do Bronze foram objecto do projecto: “Pré-História Recente do Parque Arqueológico do Vale do Côa”, desenvolvido entre 1996 e 2000. Os resultados para o Neolítico e Calcolítico foram entretanto apresentados por António Faustino de Carvalho (1999, 2003).

O projecto “Contexto Arqueológico da Arte Paleolítica do Vale do Côa” consistiu, primeiramente, na continuação das escavações levadas a cabo entre 1996 e 1998. Continuar com o contributo de outros métodos de análise, pretendeu definir melhor, quer as condições geomorfológicas favoráveis à conservação das diversas categorias de vestígios, quer os processos de sedimentação, pedogenéticos, antrópicos e à génese da constituição dos sítios intervencionados, quadro que tinha sido esboçado durante os trabalhos de prospecção e de escavação nas fases anteriores (Zilhão & al., 1997).

Em função dos factores diferenciais de conservação dos diversos tipos de vestígios, procuramos:

- Precisar o quadro crono-estratigráfico de ocupação do Baixo Côa, anteriormente definido por comparação com os dados da Estremadura portuguesa e do primeiro quadro cronológico elaborado com base nas datas obtidas pelo processo TL, após a demonstração do carácter intrusivo dos restos antracológicos descobertos na base da camada 4 do sítio de Cardina I (Valladas & al., 2001; Mercier & al., 2001);

- Estabelecer a relação cronológica e funcional dos testemunhos gravados e de outras categorias de vestígios;
- Obter, em níveis de ocupação de sítios onde as condições de preservação o permitissem, os dados necessários à proposta de modelos de interpretação das modalidades de exploração dos recursos, com a diferenciação dos respectivos espaços geográficos, bem como a repartição das diversas categorias de sítios e das áreas de aprovisionamento em matérias-primas líticas.

Com vista ao cumprimento destes objectivos, os trabalhos de prospecção, escavação e estudo de material e sedimentos caracterizam-se:

- No alargamento da malha de prospecção nas áreas adjacentes ao sector prospectado entre 1996 e 1998, nos afluentes do Rio Côa, das ribeiras de Aguiar e de Massueime e do Rio Águeda (Fig. 3.1);
- Na escavação em áreas mais extensas nos sítios de Cardina I, Olga Grande 4 e Quinta da Barca Sul, duas das quais em colaboração com instituições estrangeiras, incluindo a participação de especialistas de diversos domínios da Arqueometria (ver capítulos relativos às intervenções efectuadas nos sítios de Cardina I e Quinta da Barca Sul);
- No desenvolvimento das análises e estudos das diversas categorias de materiais arqueológicos descobertos nestas intervenções e das sequências pedológicas e sedimentares que envolvem os vestígios.

3.1. Prospecção THIERRY AUBRY | JORGE DAVIDE SAMPAIO

Os dados

As prospecções realizadas até 1998 tinham inventariado um total de 18 sítios atribuíveis, com base nas indústrias líticas recolhidas, ao Paleolítico Superior ou ao Mesolítico (Fig. 3-1 e Tab. 3.1).

As prospecções ocorridas entre 1999 até 2002, acrescentaram mais 14 sítios atribuíveis a este período cronológico.

Da primeira inventariação resulta um conjunto de dados que elucidam sobre as condições geomorfológicas favoráveis à preservação dos vestígios de eventuais ocupações durante o Pleistocénico superior, tendo os resultados sido expostos em trabalhos anteriores (Zilhão & al., 1997; Aubry, 1998). Os novos indícios de sítios encontrados correspondem a uma situação já detectada em zonas como o sítio de Pedras Altas (Aubry, 1998), que se caracteriza por um conjunto de plataformas topográficas localizadas nas margens de cursos de água, actualmente temporários, a altitudes que ultrapassem os 500 m. Ocupam vales abertos formados em função das falhas principais nos granitos da superfície de aplanção da unidade geográfica da Meseta. Dois grupos ainda dentro da bacia da Ribeirinha, associados a afloramentos de granito (dos quais um com potenciais abrigos rochosos) foram detectados na prospecção de superfície, a cerca de 5 km para Sul de Olga Grande (Fig. 3-1, sítios n.ºs 151, 141, 145/148). No âmbito da escavação do conjunto de sítios do Prazo (Freixo de Numão), foi detectado na base da sequência um conjunto lítico tecnologicamente atribuível ao Paleolítico Superior (Monteiro-Rodrigues, 2002; Angelucci, 2003). O sítio ocupa o bordo de um planalto do maciço granítico de Numão, relevo estrutural que pertence ao limite ocidental da Meseta, separada pelo acidente tectónico da Vilarça/Longroiva. Esta jazida localiza-se nas proximidades dum relevo residual constituído por quartzo

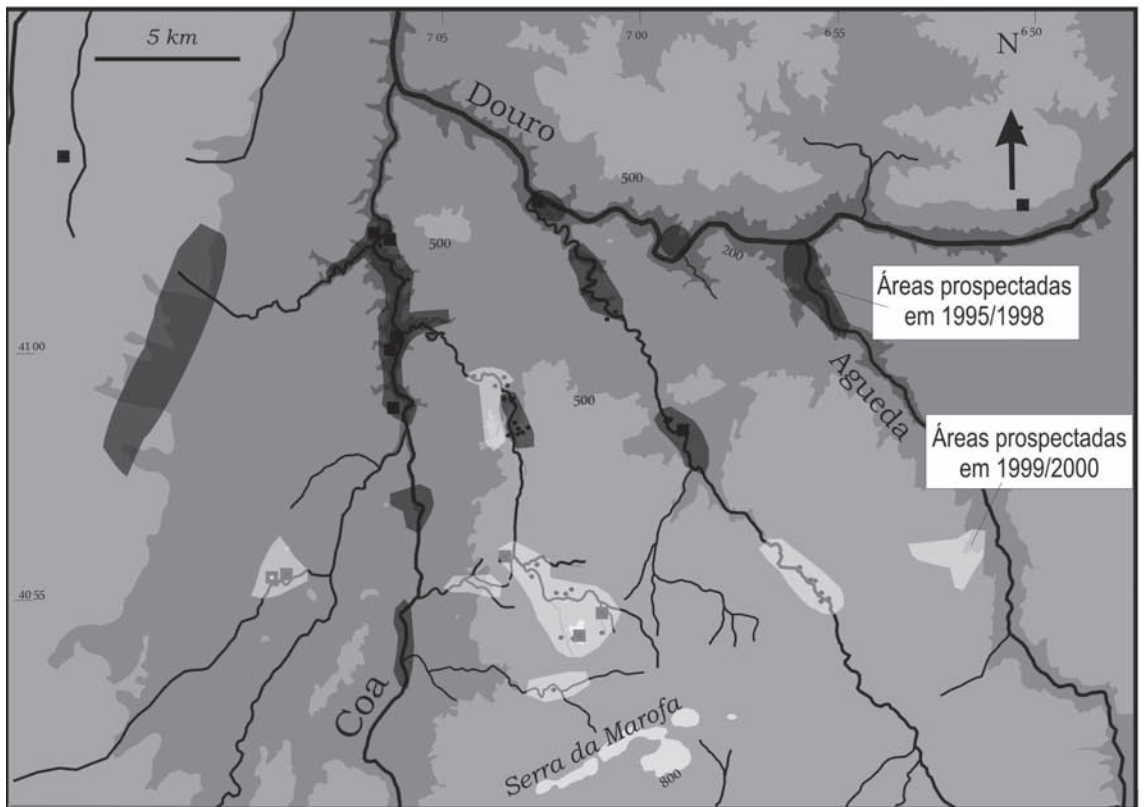
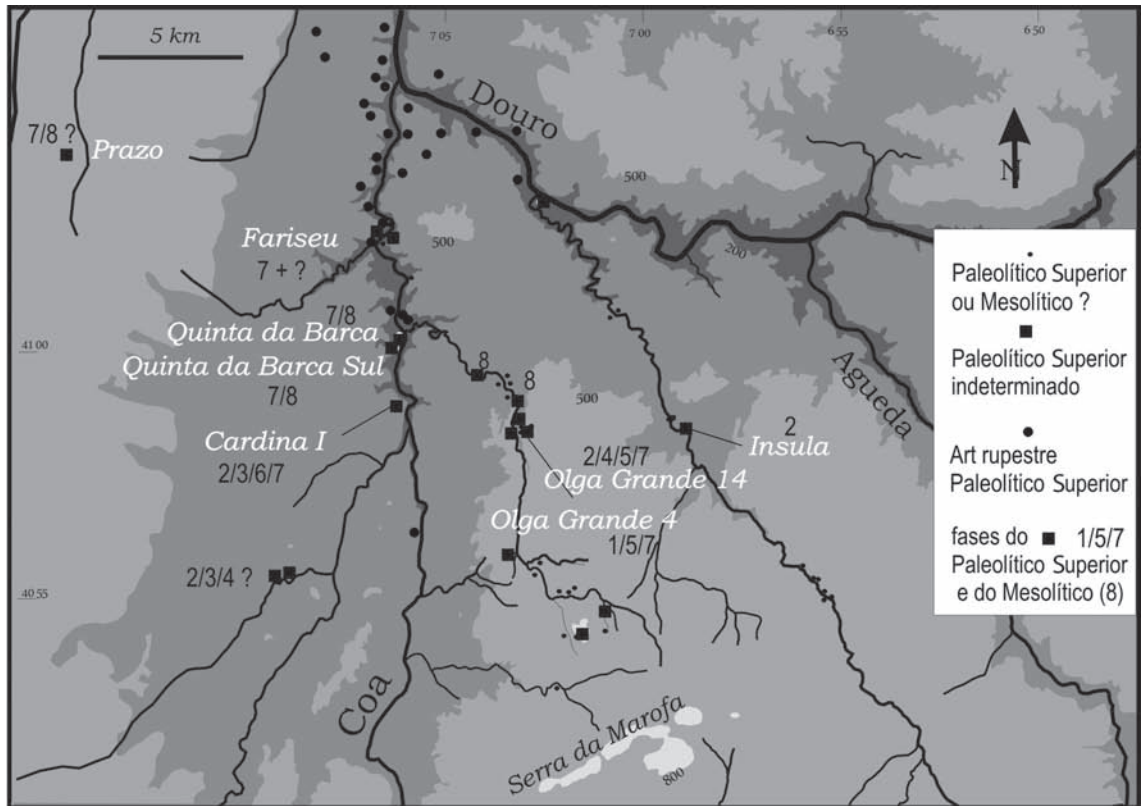


FIG. 3-1 - Áreas prospectadas, propostas de atribuição cronológica dos sítios detectados e intervencionados (cf. Capítulo 6.2).

que foi objecto de exploração para aprovisionamento em matéria-prima siliciosa de grão fino, durante diversas fases do Paleolítico Superior e da Pré-História Recente (ver Capítulo 5.1.1.1).

Uma nova situação foi observada na Ribeira da Ramila, afluente da margem esquerda do Massueime (Tab. 3-1, sítios n.ºs 156 e 157). Os dois sítios são constituídos por pequenas plataformas topográficas formadas por processos erosivos relativos a fases antigas da incisão da rede hidrográfica, localizadas na proximidade dos cursos de água permanentes, no fundo dos vales encaixados.

TAB. 3-1

Inventário dos sítios paleolíticos e/ou mesolíticos detectados durante as prospecções da área do Parque Arqueológico do Vale do Côa e nas regiões adjacentes.

N.º de inventário	Designação	Latitude N	Longitude W (Greenwich)	Altitude (m)	Tipo de sítio	Período cronológico (cf. C. 6.2)
001	Quinta da Barca	41 00 00	7 06 10	140	Estação de Ar Livre	Paleolítico Superior, fase 6 ou 7 (ver C. 6.2), Neo-Calcolítico
002	Cardina	40 58 47	7 06 01	165	Estação de Ar Livre	fases 2/3/4/5/6/7; Neo-Calcolítico; Idade do Bronze
003	Quinta de Ervamoira (I e II)	41 01 12	7 06 24	150 (I); 180 (II)	Estação de Ar Livre	Paleolítico Médio ou Inferior
007	Monte das Donas	41 01 27	7 06 20	140	Estação ao ar livre	Paleolítico indeterminado
008	Colmeal	41 01 16	7 06 14	130	Estação de ar livre	Paleolítico Superior indeterminado
024	Quinta do Marvão	41 01 02	7 10 52	265	Estação de Ar Livre	Paleolítico
27	Quinta da Cascalheira	41 01 45	7 06 16	265	Estação de Ar livre	Paleolítico Superior ou Mesolítico
034	Quinta da Granja	41 02 36	7 02 37	160	Estação ao Ar Livre	Paleolítico Inferior e Paleolítico Superior indeterminado
039	Quinta do Vale Meão (I e II)	40 38 08	7 07 03	140	Mancha de Ocupação	Paleolítico Inferior
061	Quinta da Barca Sul	40 59 50	7 06 18	170	Estação de Ar Livre	fase 7; Mesolítico Recente, Neo-Calcolítico
072	Quinta da Pipa	41 01 43	6 59 17	160	Estação de Ar Livre	Paleolítico Inferior
073	Ínsula I	40 58 30	6 58 05	310	Mancha de Ocupação	Paleolítico Superior ou Mesolítico
074	Ínsula II	40 58 14	6 59 27	355	Estação de Ar Livre	fase 2 e Paleolítico Superior indeterminado
082	Malhadais	40 59 02	7 53 27	170	Necrópole	Paleolítico Superior ou Mesolítico, Idade do Bronze
083	Barca d'Alva	41 01 40	6 55 56	172	Estação de Ar Livre	Paleolítico Inferior
084	Olga Grande 4	40 58 22	7 03 23	500/510	Estação de Ar Livre	Paleolítico Médio; fases 1/2?, 5a?/5b/6?/7, Idade do Bronze ?
086	Olga Grande 6	40 58 59	7 03 26	490/500	Estação de Ar Livre	Mesolítico Recente, Idade do Bronze
087	Olga Grande 7	40 58 48	7 03 42	520	Estação de Ar Livre	Paleolítico Superior ou Mesolítico
088	Olga Grande 8	40 58 49	7 03 27	508	Estação de Ar Livre	Paleolítico Superior ou Mesolítico
089	Olga Grande 9	40 58 57	7 03 27	510	Estação de Ar Livre	Paleolítico Superior ou Mesolítico
090	Olga Grande 10	40 59 14	7 03 19	473	Estação de Ar Livre	Paleolítico Superior ou Mesolítico
091	Olga Grande 11	40 58 00	7 03 33	500	Estação de Ar Livre	Paleolítico Superior ou Mesolítico
092	Olga Grande 12	40 58 09	7 03 41	500	Estação de Ar Livre	Paleolítico Superior ou Mesolítico
094	Quinta do Curral Velho	40 59 43	7 07 03	303	Estação de Ar Livre	Paleolítico Inferior
096	Quinta dos Boais	40 58 18	6 58 50	420	Estação de Ar Livre	Paleolítico Superior ou Mesolítico
097	Olga Grande 5	40 58 26	7 03 23	520	Estação de Ar Livre	Paleolítico Superior ou Mesolítico, Calcolítico
105	Olga Grande 2	40 58 32	7 03 33	500	Estação de Ar Livre	Paleolítico Inferior ?, Paleolítico Médio, fase 6 ou 7, Idade do Bronze ?
107	Ponte da Veiga	40 57 12	6 55 21	480	Estação de Ar Livre	Paleolítico Inferior
109	Olga Grande 13	40 58 26	7 03 26	500	Estação de Ar Livre	Paleolítico Superior indeterminado
110	Olga Grande 14	40 58 23	7 03 17	510	Estação de Ar Livre	fases 1, 2, 4, 5b, 6 ou 7, Calcolítico, Idade do Bronze
111	Devesa I	40 59 14	7 03 14	460	Estação de Ar Livre	Paleolítico Superior ou Mesolítico
112	Olga Grande 16	40 58 23	7 03 48	510	Estação de Ar Livre	Paleolítico Superior ou Mesolítico
114	Olga Grande 17	40 58 35	7 03 11	520	Estação de Ar Livre	Paleolítico Superior indeterminado
115	Devesa II	40 59 18	7 03 13	460	Mancha de Ocupação	Paleolítico Superior ou Mesolítico

N.º de inventário	Designação	Latitude N	Longitude W (Greenwich)	Altitude (m)	Tipo de sítio	Período cronológico (cf. C. 6.2)
116	Devesa III	40 59 28	7 03 06	450	Mancha de Ocupação	Paleolítico Superior ou Mesolítico
117	Barrocas do Farto	40 59 22	7 03 38	410	Mancha de Ocupação	Paleolítico Superior ou Mesolítico; Romano
119	Olga Grande 15	40 58 19	7 03 26	500	Estação de Ar Livre	Paleolítico Superior ou Mesolítico
121	Olga Grande 18	40 57 50	7 03 75	500	Achado Isolado	Paleolítico Superior ou Mesolítico
122	Olga Grande 19	40 57 30	7 03 80	500	Mancha de Ocupação	Paleolítico Superior ou Mesolítico
130	Ponte Romana	40 55 08	6 56 20	550	Mancha de Ocupação	Paleolítico Superior indeterminado
132	Malpique	40 56 44	6 57 46	500	Mancha de Ocupação	Paleolítico Superior ou Mesolítico
134	Ponte Nova	40 55 19	6 56 07	560	Mancha de Ocupação	Paleolítico Superior ou Mesolítico
137	Lagar do Brígido	40 55 02	6 55 41	570	Mancha de Ocupação	Paleolítico Superior ou Mesolítico
139	Lagar do Brígido II	40 54 49	6 55 52	580	Mancha de Ocupação	Paleolítico Superior ou Mesolítico
141	Horta da Fonte do Serpa	40 55 33	7 03 25	520	Mancha de Ocupação	Paleolítico Superior indeterminado
143	Sachagada	40 55 27	7 02 48	545	Mancha de Ocupação	Paleolítico Superior ou Mesolítico
145	Ribeiro do Carrasqueiro II	40 55 01	7 01 27	600	Mancha de Ocupação	Paleolítico Superior indeterminado
146	Ribeiro do Carrasqueiro III	40 55 23	7 02 06	590	Mancha de Ocupação	Paleolítico Superior ou Mesolítico
147	Ribeiro do Carrasqueiro IV	40 55 16	7 02 08	570	Mancha de Ocupação	Paleolítico Superior indeterminado
148	Ribeiro do Carrasqueiro V	40 55 12	7 02 33	560	Mancha de Ocupação	Paleolítico Superior indeterminado
149	Ribeira da Deveza	40 53 48	7 03 58	490	Mancha de Ocupação	Paleolítico Superior ou Mesolítico
151	Marco de Grail	40 54 31	7 02 10	590	Mancha de Ocupação	Paleolítico Superior indeterminado
152	Grail	40 54 20	7 02 32	580	Mancha de Ocupação	Paleolítico Superior ou Mesolítico
155	Rib.ª da Ramila I	40 55 23	7 09 26	415	Mancha de Ocupação	Paleolítico Superior ou Mesolítico
156	Rib.ª da Ramila II	40 55 30	7 09 22	425	Mancha de Ocupação	Paleolítico Superior indeterminado
157	Vergadas	40 55 23	7 09 39	410	Mancha de Ocupação	Paleolítico indeterminado; Neo-Calcolítico
171	Quinta do Fariseu	41 02 00	7 06 06	130	Estação de ar livre/ arte rupestre	Fase 5a ou 5b, 6, 7, Pré-História Recente
218	Canada do Armazém	41 01 53	7 00 04	250	Habitat?	Paleolítico Superior indeterminado
222	St.ª Eufémia	41 03 5	7 13 34	520	fonte tipo 14	Paleolítico Superior ou Mesolítico

Os limites do conhecimento: obstáculos à avaliação do potencial arqueológico

O principal problema relativamente à avaliação dos conjuntos de artefactos reside na interpretação dos resultados das prospecções. Tal dificuldade decorre de dois factores bem definidos: o primeiro deve-se ao tipo de lavra praticado no planalto granítico, que interfere na conservação dos solos a uma profundidade que geralmente não ultrapassa os 20 cm. O segundo factor tem que ver com a fraca densidade de material recolhido na maioria das jazidas identificadas. Os artefactos, de natureza exclusivamente lítica, não exibem características que os permitam atribuir com segurança ao Paleolítico Superior (Tab. 3-1). Este facto explica a forte proporção de sítios onde o conjunto lítico encontrado não está associado a restos cerâmicos mas que, por outro lado, não compreende utensílios característicos do Paleolítico Superior.

A descoberta de uma sequência com vestígios de ocupação datados por ¹⁴C e atribuíveis às diversas fases do Mesolítico na região de Freixo de Numão (Monteiro-Rodrigues, 2002), levou a que reexaminássemos os conjuntos líticos recolhidos em prospecção e escavação. Estas novas informações permitiram, por outro lado, rever algumas atribuições anteriores ao Magdalenense Final.

Os artefactos dos sítios de Olga Grande 6 e de Fonte do Olmo (Aubry, 2001) que tínhamos comparado à Quinta da Barca Sul, e portanto considerado como sendo Magdalenense Final, poderão corresponder a uma fase do Mesolítico Recente, evidenciada pelas datas ¹⁴C, obtidas por S. Monteiro-Rodrigues no sítio do Prazo.

A partir da intervenção no sítio de Olga Grande 6, novas observações têm sido feitas na Quinta da Barca Sul. Estas, revelaram raros elementos geométricos microlíticos de tipologia comparável, recolhidos no topo da camada 3, mas que provavelmente se encontram em posição secundária. Esta observação não permitiu constatar a associação dos elementos geométricos no conjunto dos vestígios líticos associados ao nível de lajes da camada 3, levantando a hipótese de um fase de ocupação mais recente que a caracterizada por pontas de dorso curvo.

Os restantes sítios não apresentam elementos que permitam uma atribuição mais pormenorizada, sendo que testemunham ocupações anteriores à instalação de populações portadoras de cerâmicas.

Já as prospecções relativas à bacia do Águeda (Fig. 3-1) forneceram novas informações sobre a ocupação da região durante a Pré-História Recente, mas é, até à data, a única área que não revelou quaisquer indícios de ocupação durante o Paleolítico Superior.

As prospecções realizadas sob a responsabilidade da empresa Crivarque, Lda. (2001) permitiram evidenciar um conjunto lítico com características tecnológicas e tipológicas atribuíveis ao Paleolítico Superior, no sítio n.º 158, situado a uma altitude de cerca de 525 m, na margem direita do Rio Côa, a 3 km a Oeste da localidade de Mangide.

As prospecções efectuadas em 2004 confirmaram a existência de vestígios líticos lascados no local, mas não permitiram recolher elementos de tipologia característica para precisar esta atribuição.

3.2. Escavações e sondagens THIERRY AUBRY | JORGE DAVIDE SAMPAIO

3.2.1. *Ínsula II*

O sítio de *Ínsula II* localiza-se na margem esquerda da Ribeira de Aguiar, a cerca de 8 km da confluência com o Douro e pertence, do ponto de vista administrativo, à freguesia de Algo-



FIG. 3-2 - Foto de enquadramento, tirada de Sul, dos sítios de *Ínsula I* e *II*.

dres, Concelho de Figueira de Castelo Rodrigo. Geomorfologicamente, o sítio corresponde a uma península que durante os períodos de cheia se converte numa ilha, cercada pela ribeira de Aguiar e um braço temporário da sua margem esquerda (Figs. 3-2 e 3-3). A cota máxima de 355 m de altitude absoluta situa-se a cerca de 7 m acima da cota média do curso da ribeira. Duas linhas de água que drenam o planalto desaguam na margem esquerda da Ribeira de Aguiar, ao nível do sítio. Esta abundância de águas levou a que se construíssem canais de derivação e dois moinhos. Nesta área do vale a bacia é mais aberta relativamente à situação observada, tanto para jusante como para montante, onde o curso de água corre encaixado no granito, já que atravessa aqui rochas xistosas menos compactas da formação Rio Pinhão.

3.2.1.1. *Trabalhos realizados*

Os trabalhos de prospecção realizados em 1997 no sítio da Ínsula II evidenciaram numerosos artefactos embalados em sedimento aluvial. O material exclusivamente lítico indicava, quer pela sua tipologia, quer pelas matérias-primas representadas, uma possível ocupação do Paleolítico Superior. Uma hipotética conservação de sedimentos pleistocénicos num contexto sedimentar de tipo aluvial, distinto dos outros sítios descobertos até à data nas bacias do Côa e do Douro (Zilhão, 1997), todos preservados em coluviões, constituía um dado novo que carecia de confirmação. A prospecção minuciosa na totalidade da área de Ínsula durante uma segunda visita ao local, com o objectivo de realizar sondagens, revelou uma maior densidade de material, incluindo peças roladas na periferia do sector mais alto. Estas observações sugeriam um processo de erosão de natureza aluvial. Com o propósito de avaliar esta hipótese, as sondagens foram projectadas para diversas áreas localizadas a cotas mais elevadas e não nas de maior densidade de material à superfície.

Em 1997, foi realizado um total de cinco sondagens de 1 m² (Fig. 3-3), com os seguintes objectivos: observar a sequência sedimentar; avaliar uma eventual conservação de vestígios em posição primária e definir a sequência cronológica de ocupação do sítio. Os sedimentos retirados foram integralmente crivados a água com malha de 2 mm. Foi adoptada esta meto-



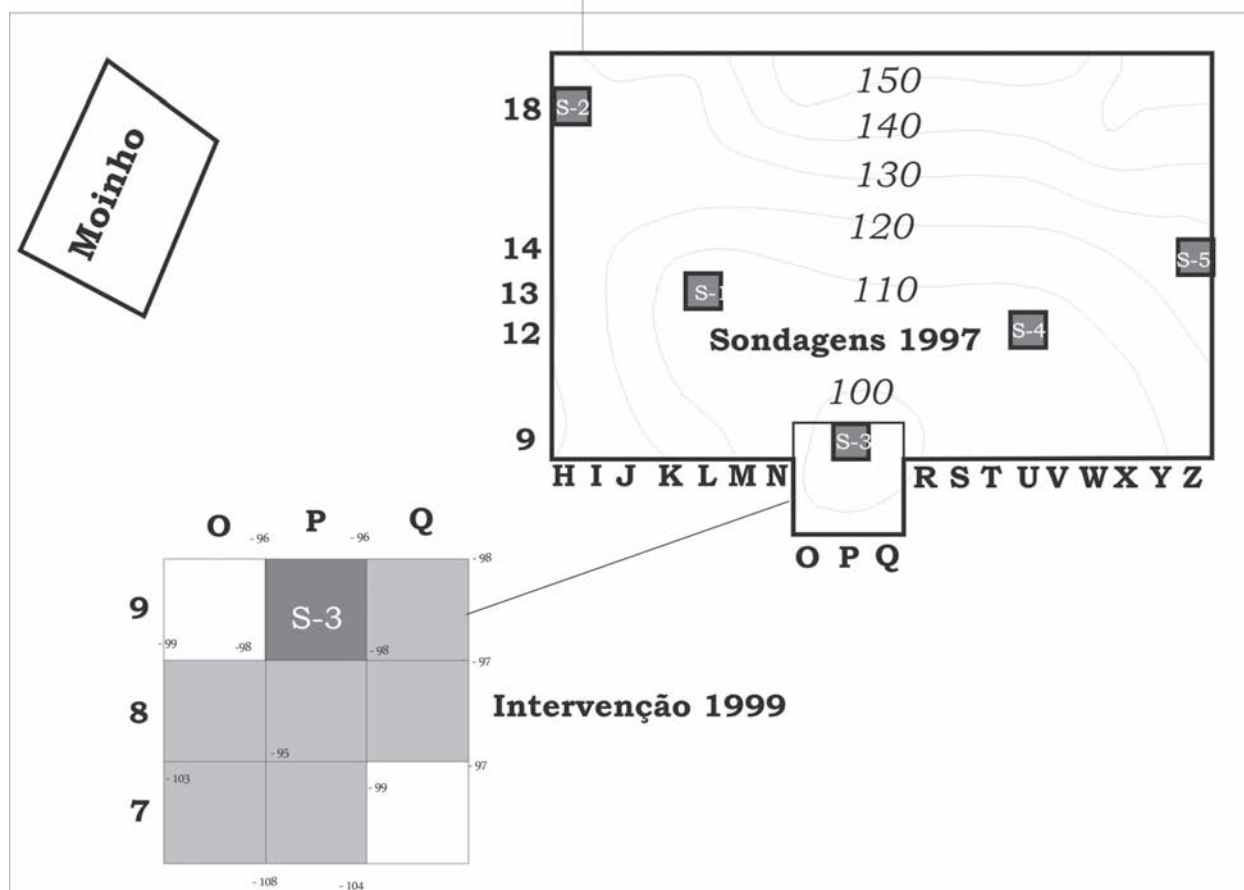
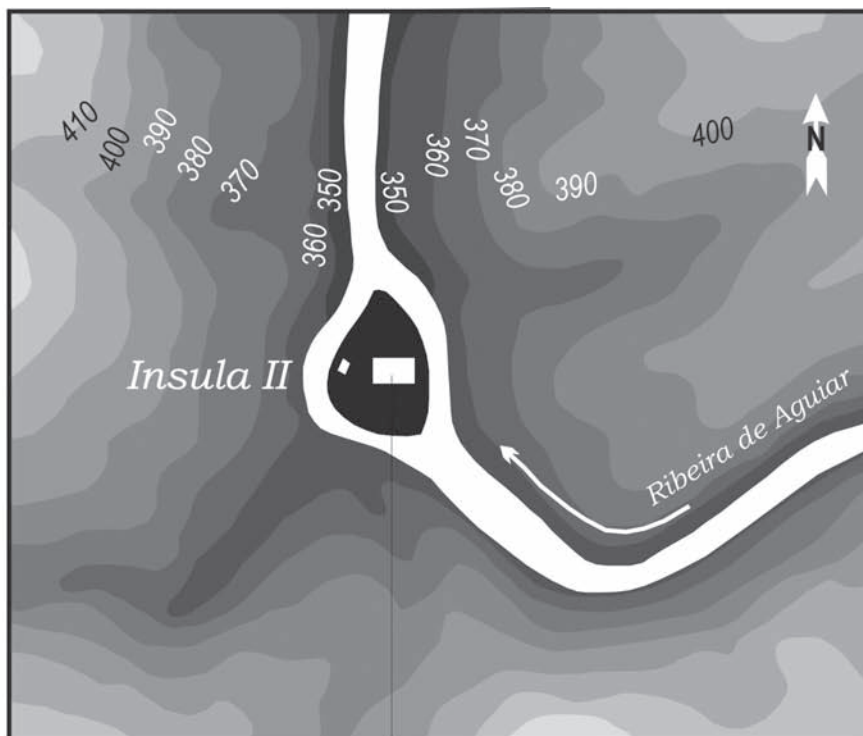


FIG. 3-3 - Áreas intervencionadas e topografia do sítio de Ínsula I.

dologia mais morosa, porque a discussão sobre o carácter primário ou secundário do depósito arqueológico se baseava aqui na existência ou não de artefactos de pequeno módulo.

3.2.1.2. Sequência estratigráfica (Fig. 3-4)

A unidade estratigráfica 1 (U.E. 1) é composta por um sedimento arenoso de forte teor em matéria orgânica, concentrada na base. Esta unidade, com uma espessura entre os 15 e os 20 cm, corresponde a um horizonte cultivado na Época Moderna. Na base desta camada foi observada uma acumulação preferencial de carvões e de cerâmicas modernas. Os fragmentos de telha estão concentrados na sondagem realizada próximo do moinho destruído. Esta camada foi escavada na totalidade da sua espessura e crivada integralmente a seco.

A U.E. 2, mais compacta, de componente arenosa e siltosa, apresenta uma tonalidade mais clara do que a 1 e o seu limite horizontal é nítido. O sedimento contém pequenos fragmentos de granito alterado e apresenta no topo uma acumulação de seixos de quartzito, associados a uma maior densidade de material arqueológico. Este mostra um revestimento de argila, em relação com um paleossolo de idade indeterminada. O topo desta camada corresponde, nos diversos quadrados, ao topo de blocos de granito de módulo mais pequeno do que os que são visíveis à superfície dos terrenos. Este conjunto, de espessura variável, assenta sobre seixos de quartzito, quartzo e granito, de cerca de 10 cm de diâmetro, acumulados nos interstícios de grandes blocos de granito rolado.

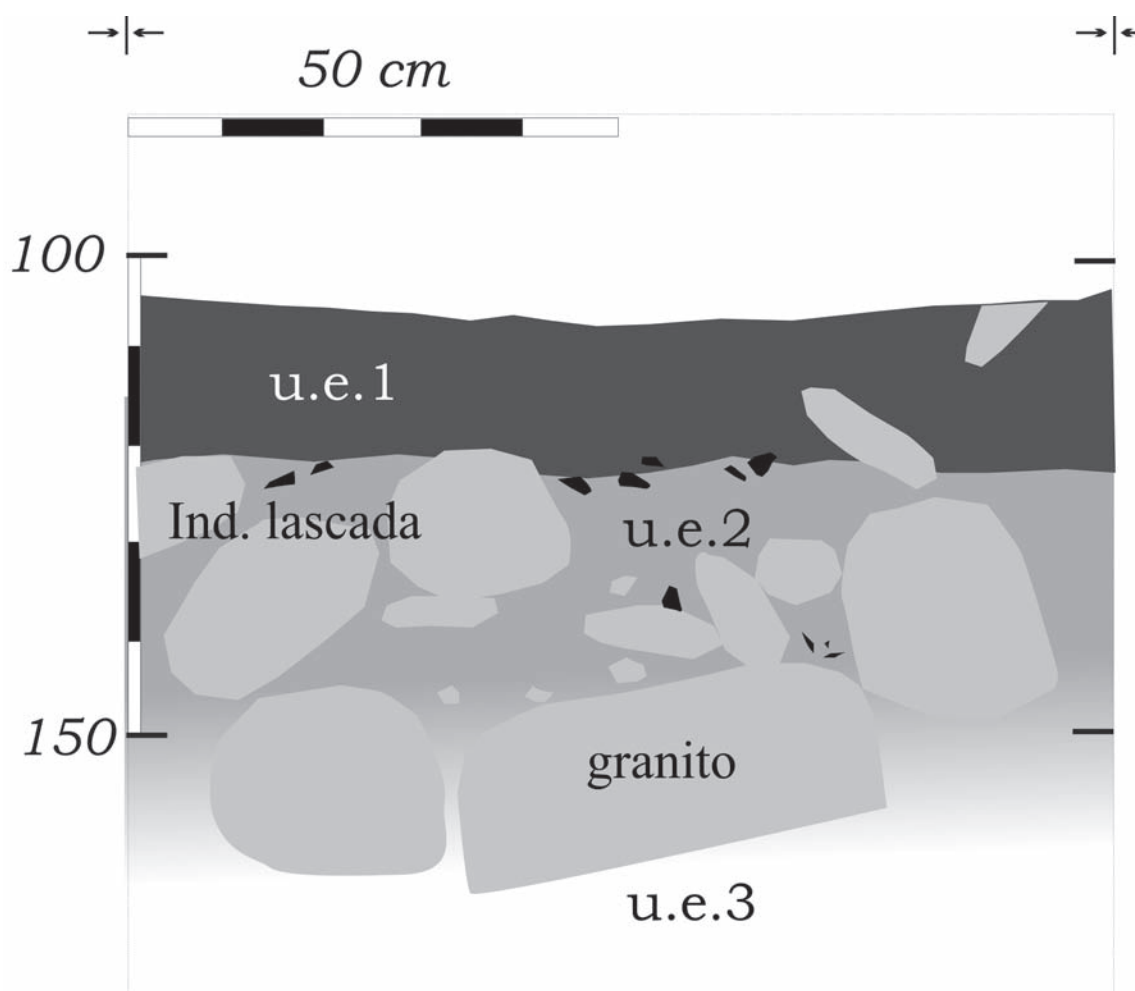


FIG. 3-4 - Corte estratigráfico sul, sondagem 4, Ínsula II.

A indústria lítica é abundante (cf. Tab. 5.1.1-1), destacando-se no inventário dos utensílios retocados (recolhidos nos 5 m² escavados) duas barbelas, de tipo lamela de dorso truncada (cf. Tabs. 5.1.2-1 e 5.1.2-2). Estes artefactos podem ser relacionados com o conjunto de armaduras de dorso encontradas na base da camada 4 do sítio da Cardina I, ocupação atribuída ao Gravettense Final e datada por TL de cerca de 27 500 BP (isto é, cerca de 23 500 em data não calibrada BP). Como sublinhado no relatório da intervenção de 1997, era prematuro, a partir deste conjunto e nestas condições, identificar eventuais outras fases de ocupação dentro do Paleolítico Superior.

A quantificação do material lítico das duas camadas mostrava uma conservação variável dos vestígios nas diversas sondagens. Enquanto nos dois quadrados localizados a cotas mais baixas (H-18 e Z-14) (Fig. 3-3) o material de módulo inferior a 1 cm estava nitidamente em fraca proporção e o resto dos artefactos líticos mostrava um rolamento visível, no quadrado P-9, de cota mais elevada, revelou-se uma maior densidade em esquirolas.

Estes primeiros resultados, obtidos em 1997, mostraram a possibilidade de conservação de vestígios líticos de ocupações atribuíveis ao Paleolítico Superior, em contextos aluviais.

Esta situação ainda não tinha sido observada na bacia do Côa, cujas margens foram minuciosamente prospectadas, nomeadamente nos 20 km do seu curso terminal, e onde foram sondados vários locais. No relatório dos trabalhos de 1997 estes resultados foram interpretadas como fenómenos erosivos, atribuídos ao início do Holocénico, de que foi objecto o fundo do vale (Zilhão & al., 1997).

A possibilidade de ter existido um sítio de *habitat* na planície aluvial, destruído por erosão, foi proposta em 1997 no caso da praia fluvial localizada na margem direita, entre a Quinta da Barca e a da Penascosa. A descoberta do sítio da Ínsula forneceu um primeiro argumento indirecto, mas notável, para a discussão da correlação entre a arte rupestre do Côa e os *habitats*, que viria a ser definitivamente confirmada em 1999, com a descoberta da sequência de níveis de ocupação humana, intercalados com sedimentos aluviais, no sítio do Fariseu (cf. Capítulo 3.2.5).

3.2.1.3 Resultados da intervenção de 1999

A reconstituição da evolução da topografia da plataforma e a determinação das fases de sedimentação relativamente às ocupações da Ínsula apresentou-se problemática após a primeira intervenção. De facto, a possibilidade de uma componente de coluvião proveniente de uma vertente anterior à incisão e formação de um braço do rio ter sido ulteriormente eliminada por processos aluviais (que afectam os sedimentos mais finos), não era de excluir naquela fase do estudo. A série disponível não exclui a possibilidade de os conjuntos líticos encontrados na U.E. 2 poderem corresponder a mais do que uma fase de ocupação humana.

A intervenção, inicialmente prevista para 1998, foi adiada, após a descoberta de novos sítios na proximidade de Olga Grande 4, para a Primavera do ano seguinte. A intervenção foi realizada durante 15 dias de Junho de 1999, pelo signatário e Jorge Davide Sampaio.

A escolha da área da intervenção foi ditada pelas observações realizadas nas sondagens anteriores e pelo levantamento topográfico, que apontava para a existência de uma área mais alta, com melhor potencial de preservação, localizada nas imediações da terceira sondagem (quadrados O/P/Q-7/8/9), tendo em conta a selecção por processos aluviais observados nas sondagens 2 e 5 (Fig. 3-2). Em função do afloramento à superfície (grandes blocos de granito), que constituem a base da sequência estratigráfica, foram abertos mais 6 m (Fig. 3-3).

A metodologia utilizada na escavação foi a mesma que em 1997: os sedimentos da camada 1 crivados a seco com uma malha de 2 mm, e das outras camadas a água com uma